

A VOZ POÉTICA FEMININA DE VERA DUARTE: A PAIXÃODA MULHER EM *DESEJOS*

Everton Vasconcelos Pinheiro¹
Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira²

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo discutir a representação da mulher na poesia cabo-verdiana através do poema *Desejos* de Vera Duarte, de seu segundo livro, *O Arquipélago da Paixão*. Para apoiar os comentários tecidos, faz-se a biobibliografia da poetisa, a explanação da imagem da mulher de Cabo Verde no âmbito sociocultural, a citação de uma resenha sobre o livro objeto da discussão, e por fim, realiza-se a análise sociológica do poema selecionado com enfoque na temática feminina. Este artigo visa refletir, a partir do poema de Vera Duarte, sobre o papel e lugar da mulher na sociedade cabo-verdiana por meio da perspectiva sociocultural.

Palavras-chave: Vera Duarte; *Desejos*; Paixão; Mulher.

ABSTRACT:

This paper has the purpose to discuss the woman's representation in the poetry cape verdean through the poem *Desejos* of Vera Duarte in her second book, *O Arquipélago da Paixão*. To support the comments woven, we make a short poet's bio-bibliography, we will explain a little about the woman's image from Cape Verde in sociocultural ambit, we will show a short digest about the book we will study, and lastly, we will make sociological analysis of the selected poem focused on feminine thematic. This paper aims to consider, based on Vera Duarte's poem, about the role and place of woman in the cape verdean society of a sociocultural perspective.

Keywords: Vera Duarte; *Desejos*; Passion; Woman.

INTRODUÇÃO

A República de Cabo Verde é um jovem país, que possui apenas trinta e oito anos de liberdade política, dentre os aproximados quinhentos anos de colonização a que foi submetida por Portugal. No campo da literatura, sua história foi sendo definida, para fins didáticos, por fases ou períodos, conforme os acontecimentos sociais.

A luta contra o domínio português que se fortaleceu no século XX, processava-se desde o início do século XIX, mesmo indiretamente. Exemplo dessa resistência no campo da arte literária, os temas sobre os mitos de origem do arquipélago e seus habitantes eram

¹ Graduando em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP.

² Prof.^a Dr.^a pela PUC-RJ, adjunta no Departamento de Língua e Literatura Portuguesa – DLLP, no Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP.

empregados como maneira de os poetas frequentemente se oporem à opressão imposta por Portugal até mesmo durante a ditadura salazarista. Assim, a literatura cabo-verdiana levantou questões sobre a construção da identidade nacional, a autonomia da literatura e da língua nativa e se rebelou contra o idioma português imposto como língua oficial, para ampliar essa reflexão para o cidadão cabo-verdiano.

As vozes poéticas foram surgindo e tomando forma combativas. Neste ritmo, chegada a independência, surgiu a pergunta “o que fariam a seguir?”, pois o que sempre buscaram e lutaram foi conquistado. O país independente deparou-se, então, com outros problemas: sem mais a quem acusar, era hora de os resolver. A poesia não ficou de fora desta cena; pelo contrário, o cunho social tomou nova face.

Vera Duarte, poetisa e juíza, mulher de magistratura, foi uma das vozes a quem a Poesia inspirou. Com sua visão feminina, Vera pôde mostrar por um ângulo não muito convencional as dificuldades de um povo humilde, figuras doces e simpáticas. A sonoridade de sua voz poética amoldou novas figuras e gerou nova estética, mais sensível e delicada, no entanto, com igual alcance às vozes das outras escritoras que a antecederam. Uma poetisa que emprega o eu-lírico feminino para falar de paixão, telurismo, paradenunciar e protestar. Esta é Vera Duarte.

Neste trabalho pretende-se demonstrar, pela análise do poema *Desejos*, do livro *O Arquipélago da Paixão*, como se processa a estética feminina desta poetisa, iniciando pelos recursos fônicos e lexicais para alcançar o aspecto social, no qual se apresentam os temas da paixão e a denúncia da injustiça. Emprega-se o aparato teórico de Simone Caputo Gomes, em seu artigo *Cabo Verde: Mulher, Cultura, Literatura*.

VERA DUARTE – A POETISA

Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina nasceu em 2 de outubro de 1952, na cidade de Mindelo, na Ilha de São Vicente, do arquipélago de Cabo Verde. Após concluir seus estudos no Liceu Nacional Infante D. Henrique foi para a Universidade Clássica de Lisboa, onde se graduou em Direito, concluindo em 1978. Em seu retorno, Vera trabalhou de 1982 a 1985, como diretora geral do Departamento de Estudos, Legislação e Documentação do Ministério da Justiça de Cabo Verde. Pouco tempo depois, assumiu o cargo de juíza desembargadora, conselheira do Supremo Tribunal de Justiça de Cabo Verde, no período de 1990 a 1998. Foi a primeira mulher que alcançou a magistratura no país.

Segundo a própria poetisa, sua inspiração para a Literatura em forma poética começou ainda na infância. Embora Vera escrevesse poemas desde criança, ela os ocultava, então, somente aos 18 ela começou a publicá-los individualmente em suplementos literários de jornal. Aos 21 recebeu menção honrosa no Concurso Literário da Independência Nacional. Por conta disso teve seus poemas publicados na coletânea do evento “Jogos florais 76”. Para a poetisa, esse foi o marco inicial da sua carreira literária.

Ganhadora de vários prêmios e membro de várias comissões, sua carreira foi marcada pela luta a favor dos direitos humanos e sociais. Fez parte do Conselho da Europa, pelo Prêmio Norte-Sul de Lisboa, em prol dos Direitos Humanos; do Conselho Superior da Magistratura; foi presidente da Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos; presidente da Comissão Internacional de Juristas; do Comitê Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania de Cabo Verde (CNDCH); e foi Ministra da Educação e Ensino Superior de Cabo Verde. Sua bibliografia compõe-se de: alguns poemas na coletânea Jogos florais em 1976, com o 1º lugar no Concurso Literário da Independência Nacional; Prosa e poesia com o livro *Amanhã Amadrugada*, em 1993; Poesia com o livro *Arquipélago da Paixão*, em 2001; Prosa com o livro *A Candidata*, de 2003; e um livro de Poesia chamado *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança*, de 2005.

Atualmente, Vera Duarte é presidente da Associação Cabo-Verdiana de Mulheres Juristas, por também fazer parte do Comitê Executivo da Comissão Internacional de Juristas, em Cabo Verde.

A MULHER NA SOCIEDADE E CULTURA CABO-VERDIANA

A mulher na sociedade cabo-verdiana tem funções específicas e fundamentais, centradas na construção, transmissão e perpetuação cultural crioula. Simone Caputo Gomes faz um estudo dessa sociedade empregando três variáveis combinadas: a mulher, a cultura e a literatura. Começando pela mulher, Gomes afirma em seu texto que a população do arquipélago sofre com a emigração masculina. Isso influencia diretamente na demografia, resultando no seguinte fato: 60% da população de Cabo Verde é mulher. Em vista disso, as mulheres assumem papel essencial no desenvolvimento do país, pois a economia é majoritariamente agrícola.

Conectando a mulher ao próximo ponto chave, temos a cultura. A professora Simone salienta a importância da função ocupada pelas mães na transmissão cultural, a começar pela

aquisição de linguagem, das crianças que é orientada pelas mulheres em papel maternal. Isto não é tudo, nem só da língua a cultura de um povo é feita. Também são passadas pelas mães “as tradições da comunidade, os costumes, a religião, as crenças, a culinária, a música, etc.”. (GOMES, 2008, p. 161).

Neste passo, chega-se à literatura fechando o triângulo. A transmissão de estórias é feita pelas mulheres em reuniões noturnas. Como grande parte dos territórios é rural, a noite vem trazer o cenário e ensejo necessários para essa prática oral de mito e literatura nacional. A respeito da tradição oral, pode-se englobar desde a música até lendas populares, ao que Gomes diz:

A morna antiga tem sido preservada também pela mulher do povo, pela cantadeira das ilhas que, segundo algumas fontes, teria originado a apreciada modalidade musical através do canto de uma solista acompanhado por um coro feminino, cujo assunto seria o próprio trabalho – a lavoura, a lavagem de roupa, o carregamento de mercadorias (...). (GOMES, 2008, p. 162).

Até mesmo no aspecto religioso é transmitido pelas mulheres, e o sincretismo que se mantém, talvez tenha sido iniciado por elas. A prática católica em meio às tradições africanas mantém-se, pois convivem as celebrações e ritos de batizado, bodas, culto de padrinho e madrinha, juntamente com as concepções e práticas religiosas nativas, além de outras atividades como o artesanato, a renda, bordado, remédios caseiros e a prática dos curandeiros. Para Simone, “a mulher cabo-verdiana, no seu trabalho anônimo, não é apenas transmissora de cultura, mas o instrumento essencial das instituições, o fundamento sobre o qual repousa o edifício social”. (GOMES, 2008, p. 162).

Fora da tríade anteriormente exposta, a mulher também projeta outros dados na história de Cabo Verde. A agricultura do arquipélago produz, entre outros, milho e cana-de-açúcar. Assim sendo, as mulheres são as operárias manuais da roça. Elas são sementeiras, colhem, trabalham no descasque, até mesmo carregando pedregulhos em latões sobre a cabeça, segundo aponta Gomes. E não é só isso. Muitas delas auxiliam seus maridos, tendo ainda que lidar com afazeres domésticos. Coisa que é lugar comum: mulheres trabalham dentro e fora de casa. Dentre as tarefas domésticas, estão as de cuidar das crianças, carregar água e lenha, lavar roupa e cozinhar. Por causa das inúmeras tarefas diárias, Simone constata o alto índice de analfabetismo entre mulheres acima de 25 anos que na década de 80, era de 80 a 90%. A ensaísta observa, ainda, os problemas que as mulheres enfrentam, diferentemente

dos homens, como a gravidez precoce, abortos clandestinos, tratamento desigual e injusto nos processos jurídicos baseado na discriminação de gênero, entre outros. Gomes assim diz:

Como vemos, e especialmente até a independência, a situação feminina em Cabo Verde não tem correspondido à medida da sua contribuição à sociedade, tendo a mulher poucas oportunidades de participar dos quadros de direção do país. Por volta de 1981, no entanto, forma-se uma associação destinada à luta pela emancipação da mulher, (...) a OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde), cujo trabalho (...) entende a emancipação como processual, como conquista gradual do espaço feminino na sociedade, criando condições objetivas e subjetivas que permitam à mulher participar na transformação de suas condições de vida, bem como na promoção de sua plena integração no desenvolvimento do país. (2008, p. 163)

A OMCV iniciou uma mobilização em prol da melhoria das condições de vida que a mulher cabo-verdiana vinha levando. A busca profunda pelo conhecimento da qualidade vida levada pela mulher do Cabo Verde ganhou o objetivo prioritário de atender as necessidades básicas primárias: moradia, alimentos e água. Com isso a organização foi avançando em suas metas, entre elas o fomento à pecuária, à agricultura, qualificação básica às domésticas como cursos de corte e costura, rendas e bordados, etc. Até mesmo as parteiras e as peixeiras tiveram oportunidade de realizar cursos de aprimoramento. Houve também fomento à medicina, com cursos de prevenção à doenças sexualmente transmissíveis e primeiros socorros. Por fim a OMCV chegou ao campo jurídico e trabalhista, com desbloqueios a certas profissões antes negadas às mulheres, a saber, “a magistratura e técnico aduaneiro” (GOMES, 2008, p. 164).

O avanço da mencionada organização alcançou até mesmo o campo cultural. Simone cita que foram criados “jardins rurais comunitários, (...), Centros de Promoção Feminina (...) com atividades como palestras, ginásticas, teatro e dança, alfabetização para adultos e (...) aproveitamento de combustível” no uso dos fogões de pedra. (GOMES, 2008, p. 164). Assim, a escrita foi também, finalmente, absorvida pela mulher cabo-verdiana. Tanto a produção literária quanto pesquisas de descrição do crioulo como língua nacional de patrimônio cultural foram feitas pelas mulheres, que mais uma vez demonstraram sua força. Cabo Verde cresce em um ritmo prazeroso de se observar quando comparado o grau de avanço com o tempo de independência. Sem dúvidas, a colaboração da mulher, antes já imprescindível, agora é essencial, segundo mostra o estudo de Simone Caputo Gomes.

O ARQUIPÉLAGO DA PAIXÃO – A OBRA

O livro de Vera Duarte usado como *corpus* desta pesquisa foi *O Arquipélago da Paixão*, lançado em 2001 na sua cidade natal, Mindelo, do qual se retira para análise o poema *Desejos*. Vencedor do Prêmio de Poesia Africana *Tchicaya U Tam' Si*, o segundo livro de Vera, com trinta e seis poemas, menor que o primeiro livro (*Amanhã Amadrugada*, com cinquenta e nove poemas), é apresentado por Simone Caputo Gomes, como a representação da paixão do eu sob vários aspectos. Segundo a ensaísta, Vera:

Aprofunda navegações e reflexões, evidenciando a intenção da poeta em continuar realizando um projeto que contempla os níveis existencial, nacional e universal, sob o signo da Paixão. Paixão que domina e que liberta, paixão do eu, paixão do outro, paixão-mulher; paixão do Arquipélago, Arquipélago da Paixão. (GOMES, 2008, p. 241)

O livro está dividido em quatro cadernos, ou partes, em que a autora dispõe os poemas conforme as temáticas e moldes estruturais diferentes, em que ela alterna entre o uso do verso, com os esquemas de encadeamento e de rimas, e a valorização da linguagem em prosa.

Em uma entrevista que Vera Duarte concedeu ao jornal *Artiletra* em 1997, a autora se intitulou uma poetisa fanopaica, que segundo Ezra Pound possui escrita de emoção. Isso quer dizer que a escritora busca transmitir “uma mensagem de tolerância, beleza e liberdade que ajude a viver o prosaico cotidiano”. (GOMES, 2008, p. 244). A linguagem de Vera Duarte, nesse livro, possui cunho emocional ao extremo, pois se mesclam os problemas sociais, desde a fome até a AIDS, as paixões das mulheres, do povo, a sensualidade crioula, o regionalismo telúrico, e a relação de amor com Cabo Verde, lugar considerado como Terra-Mãe. Vera Duarte consegue transmitir verdadeiramente a força da Paixão como dínamo ou potência para o agirdesse povo que, para ela, é rico e belo em cultura.

A respeito de *O Arquipélago da Paixão*, cabe o seguinte excerto:

(...) em *O Arquipélago da paixão*, embora o sujeito lírico no feminino continue seu cântico de libertação da mulher, reflete, com mais maturidade, sobre as próprias paixões e as do Arquipélago, buscando não o “fervilhar anímico” destas, mas a plenitude de Eros. Como Antígona, procura, assim, o Amor e não o ódio. (SECCO, 2004, p. 217).

Como consideração final sobre o livro, emprega-se o comentário de Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco em seu estudo a respeito de *O Arquipélago da Paixão*. Segundo Secco, o

eu-lírico trabalhado por Vera nesta obra visa o alcance do Amor como virtude suprema que é insuperável, mulher que ama com maturidade e compartilha com o arquipélago as paixões que as movem, a nação mãe e a figura da mulher cabo-verdiana, rumo a liberdade plena, sendo social, política, emocional e cultural.

DESEJOS – O POEMA

Uma das marcas desta poetisa é a voz da mulher, acompanhada de figuras referentes à natureza. O fator poético empregado por Duarte é a analogia da vida humana com a da natureza, não somente com as plantas ou animais, mas com os elementos terra, água, ar, sol, entre outros.

Vera define seus objetivos poéticos ao falar sobre o início de sua carreira na literatura em uma de suas muitas entrevistas. Neste caso, à *Revista Crioulo*, da USP, em 2008, afirma:

Quanto às atividades de caráter social, devo dizer que seja a situação da pobreza, seja a violência contra as mulheres e, em menor escala a discriminação racial, cedo chamaram a minha atenção e comecei a desenvolver algum ativismo social nesses domínios desde os meus tempos de liceu, chegando a produzir com outros colegas um programa de rádio de intervenção. A par da minha carreira profissional, tenho desenvolvido ampla atividade social e cultural, sendo membro de várias organizações ligadas aos direitos humanos, à mulher e à cultura. (DUARTE, 2008, p.3).

Observa-se que mais do que objetivos, na obra de Vera Duarte trata-se de visão de mundo. A escritora preocupa-se com questões dessa natureza desde sempre, inclusive, ela própria afirma que seu lirismo representa “uma escrita de emoções”, considerada como “um amor altruísta, solidário e ecumênico”. (DUARTE, 2008, p. 6). A poetisa relata nesta entrevista as experiências dos casos que ela acompanha cotidianamente em seu ofício de jurista e voluntária, relativo às questões de direitos humanos. Ela chega a citar que sua posição na Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania tem lhe proporcionado ferramentas para lutar a favor da educação, direitos humanos, cidadania, promoção da família, da saúde e justiça, assim como lutar contra a pobreza, contra a violência contra a mulher e a conquistar atenção do governo para o atendimento a deficientes, presos e imigrantes. Suas causas são, tão somente, as causas do povo.

Simone Caputo Gomes, pesquisadora da cultura cabo-verdiana e Profa. Dra. da USP, cita em um de seus artigos do livro *Cabo Verde - Literatura em Chão de Cultura*, que o livro *O Arquipélago da Paixão* possui “uma poesia intimista, de vivências intensas, de experiência de mulher, de exaltação de sentidos”. (GOMES, 2008, p.243). A pesquisadora faz um ensaio sobre o lirismo na obra supracitada de Vera Duarte, na qual salienta os aspectos formais concatenados aos poéticos, depreendendo a partir disto a assertiva de que, sendo este livro o segundo, o amadurecimento é notório, tanto na escrita, quanto na estrutura, forma e, sobretudo, no emprego subjetivo da paixão, no sentido mais literal da palavra, pela terra natal e suas causas. Gomes inicia o capítulo em que fala do *Arquipélago da Paixão* ressaltando que Vera Duarte presenteia a todos com mais um livro de poemas cuja qualidade se mantém do início ao final da obra. Exemplo de tal maturidade é o poema que se analisa a seguir:

Desejos

Queria ser um poema lindo
cheirando a terra
com sabor a cana

Queria ver morrer assassinado
um tempo de luto
de homens indignos

Queria desabrochar
— flor rubra —
do chão fecundado da terra
ver raiar a aurora transparente
serr'bera d'julion
em tempo de São João
nos anos de fartura d'espiga d'midje

E ser
riso
flor
fragrante
em cánticos na manhã renovada
(DUARTE, 2001, p. 22)

Esse poema de quatro estrofes, cujas primeira e segunda possuem três versos, enquanto a terceira possui sete versos e a quarta, cinco versos, é construído com versos livres, brancos e métrica variada, não havendo, portanto, rima. Um dos recursos sonoro que a autora usa é a aliteração do fonema/r/ dentro dos vocábulos e entre alguns outros versos, sendo estes desinências de verbos no infinitivo. Essa consonância exprime aspirações que remetem a

choro, a soluços de pranto, que revelam o estado em que o eu-lírico se encontra ao expressar sua subjetividade, de desejo que a injustiça social termine e que a vida em Cabo Verde seja uma festa da colheita e de São João.

O verbo, embora aparente estar conjugado na primeira pessoa do pretérito imperfeito do modo indicativo, na verdade está no futuro do pretérito, pois há o desejo da voz poemática de que fatos promissores aconteçam. Então, “queria” é empregado no sentido de “quereria” no início das três primeiras estrofes, acompanhado dos verbos no infinito “ser”, “ver” e “desabrochar”, para marcar a insistência com que o objeto do desejo é buscado. Tal insistência é reforçada na última estrofe. Ao mesmo tempo, na última estrofe, pelo fato de a palavra “queria” entrar suprimida, pois aparece o conectivo “e” seguido do verbo “ser” sugere que o desejo já é realidade, que a situação de injustiça terminou, o sofrimento das pessoas em sua terra natal acabou e em seu lugar ficou a paz social e a alegria. É como se a transformação já tivesse acontecido. Claro está que essa realidade se cumpre apenas no plano da imaginação poética. A partir dos recursos de linguagem citados, compreende-se o título do poema, *Desejos*.

Outro recurso usado, agora fônico/lexical, é a presença de palavras grafadas em crioulo cabo-verdiano. Ela usa o termo “r’bera d’julion”, lugar onde viveu sua infância, que em português é Ribeira de Julião; também há o termo “d’espiga d’midje”, significando espiga de milho, o produto principal de consumo das pessoas nativas de Mindelo, na região da ribeira onde ela nasceu e viveu sua infância. É sabido que, nas literaturas africanas publicadas na língua do antigo colonizador, os autores não empregam essa língua segundo as normas da gramática tradicional para provocar o ruído na língua do antigo colonizador e mostrar a cultura de quem escreve, que é diferente da do colonizador. Neste sentido, Vera Duarte emprega dois processos poéticos da literatura chamada pós-colonial, a ab-rogação – recusa do padrão normativo que estabelece o uso correto das palavras – e, ao mesmo tempo, a apropriação – o idioma do antigo colonizador é apropriado e obrigado a carregar o peso da experiência da cultura que foi por ele ameaçada de extermínio.

Thomas Bonnici, em seu livro *O pós-colonialismo e a literatura*, enumera as estratégias dos escritores no uso da linguagem literária para transformar as mentalidades dos leitores e provocar a conscientização da riqueza cultural e natural dos antigos povos colonizados e a aceitação de que a cultura e natureza deles são diferentes das dos antigos colonizadores.

O poema *Desejos* remete a um momento da infância, ligado à vida adulta, impressão relacionada à defesa dos direitos humanos em Cabo Verde. A temática principal do livro *Arquipélago da Paixão*, onde se encontra o poema *Desejos*, é a mulher. Marcada pelas experiências que presenciou quando criança, a gama de sentimentos, que se estendem desde os ruins e dolorosos aos bons e aos devaneios que especificamente a mulher cabo-verdiana experimenta.

Os dois versos de abertura do poema, “Queria ser um poema lindo/ cheirando a terra/com sabor a cana”, remetem à memória da infância. Nascida em São Vicente, na cidade de Mindelo, Vera Duarte morou próximo a uma ribeira, em crioulo cabo-verdiano, R’berad’Julion, em que a agricultura local era baseada no plantio de milho e cana-de-açúcar. A referência ao conhecimento que o povo cabo-verdiano tem da terra e a sua experiência com agricultura, comum em Mindelo, principalmente com o milho e a cana, evocam as belezas naturais do lugar. Os turistas que por lá passam declaram a beleza do local.

Nesta mesma cidade, havia um porto, e a ribeira referida anteriormente deságua no mar. Inclusive, Mindelo é conhecida em Cabo Verde como cidade “Porto”. Daí vem a crítica inferida na segunda estrofe de *Desejos*. No tempo da infância de Vera Duarte, navios estrangeiros de vários países, não só europeus, passavam pelo conhecido “Porto” e levavam consigo muitos homens e mulheres cabo-verdianos com propostas de empregos melhores, ilusões de retorno após a melhora de vida e, como relatam os próprios moradores daquela época, ninguém retornava. O destino dos que de lá saíam era nunca mais voltar, uns por falta de recursos, outros por serem cativos dos patrões e empregos. Essa história de Cabo Verde é recriada nos seguintes versos: “Queria ver morrer assassinado/ um tempo de luto/ de homens indignos”. Apesar de Cabo Verde agora estar independente e democrático, a igualdade não alcança a todos, sobretudo as classes subalternizadas. O desejo de libertação social é categórico na segunda estrofe do poema.

As mulheres de Mindelo possuem a garra e a habilidade necessárias para lidar com a vida. Na terceira estrofe, “Queria desabrochar/— flor rubra —do chão fecundado da terra/ ver raiar a aurora transparente”, há o desejo de que se cumpra o amadurecimento não apenas corporal, mas também intelectual da mulher. As imagens geradas pelos termos “desabrochar - flor rubra - do chão fecundado da terra” indicam a delicadeza da mulher e, ao mesmo tempo, sua resistência em meio às adversidades para sobreviver. A voz da mulher de Cabo Verde se revela também nessa estrofe, pois é ela que revela seu desejo, reiterado pelo de “ver raiar a aurora transparente”, o futuro, será limpo da injustiça. Por isso, a voz do poema categoriza a

raça humana não por “homem”, mas como uma mulher que representa o país. Esta ideia é reiterada, no poema, pela personagem mítica da Aurora, mulher que traz o novo dia em que os desejos se realizam, traz as transformações e simboliza a liberdade e a justiça.

Nos três últimos versos da terceira estrofe, A voz poética feminina também gostaria de ser Ribeira de Julião no mês de junho, quando há a festa da colheita do milho, época de fartura: “Ser r’bera d’julion/ em tempo de São João/ nos anos de fartura d’espiga d’midje”. Visitantes de outros países e até mesmo das outras ilhas do Cabo Verde maravilham-se com as festas realizadas em Mindelo no meio do ano. Muitos dizem ser uma festa sincrética religiosa, na qual se misturam os batuques nativos de religiões africanas com os festejos católicos.

Junto com o objetivo de festejar, regozijar e aproveitar o tempo de abundância, há o de armazenar parte da colheita, visto que em outubro vem à seca, considerada o período em que a terra não produz e gera a fome nos moradores da Ribeira. Novamente a voz feminina emprega três elementos femininos: o primeiro, considerado um dos cinco elementos primordiais pelos quais a arte se manifesta, a água, representada pela ribeira de Julião em tempo de festa, de congraçamento, e ainda representada como água calma, envolta em situação positiva, pois é o lugar da comemoração, motivada pelo segundo elemento, a colheita, gerada pelo terceiro elemento, a terra.

A autora finaliza o poema com o desejo de “ser/ riso/ flor/ fragrante/ em cânticos na manhã renovada”. Essa imagem inventa o futuro onde a mulher é alegre, bela e perfumada. Paradoxalmente – mas se sabe que isso é possível no campo da imaginação poética - o modo como a voz feminina suprime o vocábulo “queria”, (no sentido de “quereria”, conforme se esclareceu acima), o qual projetaria a ação para o futuro, favorece que o verbo “ser”, colocado no início do verso, imponha seu significado de duração, de estar acontecendo. Isso gera a ideia de que a mulher, cuja voz se manifesta no poema, já está de posse de todos os seus direitos à justiça e que isso a torna bela e feliz.

No poema *Desejos* de Vera Duarte, há uma personalidade feminina, simbolizada por elementos da natureza, nos quais a personalidade se transfigura movida pelo desejo de ser livre da condição social a que está injustamente submetida. Há, ainda, o desejo de ela ser até mesmo um poema, o que significa seu anseio de conquistar a posse de si mesma em todos os campos da vida. Essa voz denuncia a injustiça social e inventa o tempo da infância para tornar real, pelo menos na realidade inventada no poema, seu desejo da libertação que a transformará e também a seu país em espaço de usufruto da beleza e felicidade. A paisagem reinventada no

poema é a da cidade de Mindelo, ampliada para o Arquipélago de Cabo Verde. A língua portuguesa, utilizada com a variedade linguística do crioulo cabo-verdiano que gera o estranhamento, bem como a estrutura sonora e gráfica, produz, de maneira exemplar, as imagens poética do texto.

CONCLUSÃO

A voz poética feminina de Vera Duarte ecoa no grande *ethos* discursivo da literatura cabo-verdiana como colaboradora com a incessante batalha pelos direitos sociais. A partir dos estudos de Simone Caputo Gomes, que fundamentaram a análise do poema neste trabalho e que trata da importância da mulher na construção cultural de Cabo Verde, compreende-se que a própria poetisa é fruto das conquistas sociais reivindicadas pela mulher, pois Vera Duarte é formada em direito e foi a primeira magistrada mulher de sua nação, bem como é escritora e permanece engajada nos programas sociais de direitos humanos. Sem dúvida, ela, junto com as mulheres cabo-verdianas e de todo o mundo, exerce um papel fundamental na construção e transmissão da cultura.

O clamor de *O Arquipélago da Paixão* pela libertação social da mulher foi descrito pela pesquisadora Carmen Tindó Secco como reivindicação do “direito das mulheres à eroticidade do corpo e do discurso, fundando, assim, um universo lírico (...) no qual a mulher almeja ser sujeito de seu próprio desejo”. (SECCO, 2004, p. 216). Além do reconhecimento e do espaço sociocultural, a mulher está também conquistando a liberdade de expressar suas emoções. Tais conquistas mostram sua força para enfrentar as adversidades, aliada à sua delicadeza, tão bem representada pelas figuras da natureza com que Vera Duarte escreve seu poema.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas. **O Pós-Colonialismo: Estratégias de Leitura**. Maringá: EDUEM, 2000.

COIMBRA, Rosicley Andrade. **Mimesis e Literariedade: (Esboço De Um) Percorso Investigativo**. Revista Travessias, UNIOESTE – PR, Cascavel, v. 4, n. 1, p. 274-283, 2010.

DUARTE, Vera. **Entrevista - Vera Duarte**. Revista Crioula, USP, São Paulo, n. 3, p. 1-9, 2008.

DUARTE, Vera. **O Arquipélago da Paixão**. Mindelo: Artletra, 2001.

GOMES, Simone Caputo. *Ainda e sobretudo a Paixão: O Arquipélago da Paixão, de Vera Duarte*. In: GOMES, S. C. (org.) **Cabo Verde: Literatura em Chão de Cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008, p. 241-258.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: Mulher, Cultura, Literatura*. In: GOMES, S. C. (org.) **Cabo Verde: Literatura em Chão de Cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008, p. 161-180.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Sob a égide de Antígona: a dimensão trágica do lirismo cabo-verdiano de Vera Duarte**. Revista SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, 2004.